

Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão

Sérgio Romanelli

UFBA – PPGLL

sergio_roma70@yahoo.com

Resumo

Neste trabalho, pretende-se analisar o papel da tradução em sala de aula. Partindo-se de um breve histórico das abordagens de ensino de L2 desenvolvidas até hoje, mostrar-se-á como a tradução foi progressivamente perdendo o seu lugar de técnica eficaz ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Apesar disso, é bastante comum observarem-se em sala de aula professores usarem a língua materna e alunos aproximarem-se da L2 através da tradução. Pretende-se, então, mostrar os possíveis usos da tradução em sala de língua estrangeira, com experiências práticas de atividades didáticas.

Palavras-chave: tradução em sala de aula, ensino/aprendizagem, lingüística aplicada.

Abstract

This work is aimed at analysing the role of translation in the classroom. Starting from a brief history of various approaches to the teaching of L 2, it shows how translation lost its place as an effective technique in the teaching/learning of a foreign language. It is however fairly common to see teachers in the classroom using the mother tongue, so that students approach L2 through translation. It is intended, therefore, to describe the possible uses of translation in the classroom when teaching L2, as well as teaching practices.

Key-words: translation in the classroom, teaching/learning of a foreign language, applied linguistics.

A tradução foi sempre uma questão central da aprendizagem de línguas estrangeiras. Já no ensino das línguas clássicas ocidentais, era considerada, de fato, um instrumento metodológico fundamental que constituía o núcleo da “Abordagem da Gramática e da Tradução” (AGI), também chamada de “Método”. Essa abordagem nasceu no Renascimento, voltada para o ensino do grego e do latim, sendo que, até hoje, é aquela com mais tempo de uso. Pretendia-se, então, ensinar a L2 pela L1, isto é, dando-se todas as explicações necessárias na língua materna para que o aluno desenvolvesse as quatro habilidades (falar, compreender, escrever, ler). A memorização de listas de palavras e a tradução de textos literários tinham papel central nessa abordagem. Tratava-se de uma abordagem dedutiva, que enfatizava a forma escrita da língua.

Em seguida, pelo seu uso abusivo e muitas vezes ineficiente, tendeu-se a banir a tradução da sala de aula. Já com o aparecimento da “Abordagem Direta” (ou “Método Direto”), o papel da tradução em sala de aula mudou. Segundo a Abordagem Direta (AD), o ensino/aprendizagem da L2 deveria ser feito através da L2, nunca se recorrendo à língua materna e à tradução, sendo o significado transmitido através de gestos e gravuras. É uma abordagem indutiva, com ênfase na oralidade.

A tradução era, então, um método utilizado, às vezes, na “Abordagem para Leitura” (“Método da Leitura”) desenvolvido nos EUA nos anos 30 e que, para a aprendizagem da gramática, servia-se, ocasionalmente, de exercícios de tradução.

Já na “Abordagem Audio-Lingual”, que surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, a tradução era contemplada através da utilização da Análise Contrastiva, na sua versão forte. O termo ‘versão forte’ diz respeito à análise contrastiva desenvolvida por Krashen, para se referir à comparação dos sistemas fonológicos, lexicais, sintáticos e culturais das duas línguas cotejadas no ensino/aprendizagem, a saber, da L1 e da L2, visando a prever os erros dos alunos.

A tradução foi definitivamente excluída e criticada pela "Abordagem Comunicativa". De fato, nas metodologias mais recentes, a tradução continua sendo pouco considerada, quer do ponto de vista prático, quer do ponto de vista teórico.

Existem, porém, teóricos que consideram necessária uma reabilitação da tradução em sala de aula. É o caso de Jean-René Ladmiral e de Walter Carlos Costa. Segundo este último, deve-se rever a política de ensino de línguas, pois "[...] uma concepção mais ampla, mais cultural e crítica pode colocar a tradução como um dos meios mais eficientes de se estar permanentemente atento às diferenças em relação à língua (e à cultura) estrangeira" (1988, p. 283).

Segundo Walter Carlos Costa, esse processo pode ser muito útil para se perceber e superar as dificuldades de ensino/aprendizagem. É importante salientar que a discussão em torno da eventual importância de se utilizar a tradução em sala de aula se limita ao que Roman Jakobson (1969) chama de tradução interlingual ou tradução propriamente dita, ou seja, a tradução de uma língua de partida para uma de chegada. É necessário também, como sustentam Rivers e Temperley (1978, p. 321-25), distinguir os vários aspectos do problema da tradução:

- 1- A língua de partida: caso a tradução seja da língua materna para a estrangeira e vice-versa;
- 2- O tipo de tradução: se tradução oral ou escrita;
- 3- O tipo de utilização: se a tradução é utilizada como estratégia de aprendizagem ou como mero instrumento de avaliação.

De fato, cada um desses pontos implica em utilizações e problemas distintos em sala de aula. O nível dos aprendizes também influi na questão: se a tradução for, de fato, inevitável nos estágios iniciais, é aconselhável usá-la para superar as dificuldades que um escasso conhecimento da L2 possa

provocar; já nos últimos níveis, pode ser considerado um ótimo instrumento de aprofundamento das estruturas lexicais e gramaticais, promovendo uma aprendizagem autônoma dos alunos.

H. G. Widdowson (1979) defende o uso da tradução, sobretudo quando uma língua estrangeira é estudada para fins específicos (instrumentais). Também nos níveis mais adiantados a tradução pode ser utilizada, mas só em casos de exercícios que não envolvam a estrutura gramatical superficial, e sim, aquela de nível profundo, como quando se deseja estabelecer uma equivalência semântica entre as línguas, ou ainda, uma equivalência pragmática. Através dessas práticas, segundo Widdowson, a aula de línguas estrangeiras seria enriquecida, levando-se os alunos a perceberem que as línguas utilizam meios diferentes para expressar a mesma informação. Um uso adequado da tradução permitiria estabelecer um confronto cultural mais aprofundado entre as línguas e facilitaria o domínio do aluno da cultura-alvo.

Walter Carlos Costa (1988) sugere, por sua vez, um uso diferente da tradução, a depender do grau de proximidade da língua materna com a língua estrangeira. É evidente que o professor de línguas românicas, ao ensinar a um estudante brasileiro, poderá fazer um uso mais específico da tradução do que um professor de línguas germânicas. De fato, quanto mais diferentes forem as estruturas gramaticais e lexicais de duas línguas, maior necessidade haverá de um uso freqüente da tradução nos níveis iniciais.

Deve-se distinguir, também, entre a tradução oral e a escrita. A primeira, segundo Costa, é um meio direto e eficaz para explicar o significado das palavras quando não for possível fazê-lo de outra forma, servindo também para testar as deficiências do aluno que passariam despercebidas. Nos níveis mais adiantados, a tradução oral pode ser utilizada para desenvolver a capacidade de intérprete do aluno.

Quanto à modalidade escrita, trata-se de uma técnica útil para verificar a competência de escrita do aluno e pode ser necessária para testar sua

compreensão de vocabulário, sintaxe, expressões idiomáticas, uso de diferentes registros. Um exercício muito interessante, sempre no âmbito da escrita, é o de examinarem-se várias traduções e compará-las entre si, justificando-se os critérios adotados por cada aluno.

Em suma, segundo Costa, a tradução é uma das formas mais adequadas para se conhecer a estrutura de um texto e sua utilização, além de ser um meio eficaz para desvelar as limitações e as características do código lingüístico materno. Podemos, enfim, considerar a tradução como uma quinta habilidade, além da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita.

Costa não é o único defensor das vantagens da tradução em sala de aula, há outros importantes teóricos que se posicionaram a favor dela. Mario Rinvoluceri (2001), a este respeito, sustenta que “[...] usando-se a língua materna de uma forma judiciosa e altamente técnica nas salas de aula de inglês como língua estrangeira permite-se ao aluno disponibilizar plenamente a sua inteligência lingüística[...]” (Trad. nossa).¹

David Atkinson (1987, p. 241) lista todos os usos apropriados da L1 em sala de aula de L2:

1. Elicitar a linguagem: “Como se diz ‘X’ in L2”;
2. Verificar a compreensão;
3. Dar instruções complexas nos níveis básicos;
4. Cooperar em grupos: os aprendizes comparam e corrigem as respostas de exercícios ou tarefas na L1. Os estudantes às vezes podem explicar novos pontos melhor que os professores;
5. Explicar a metodologia da sala de aula em níveis básicos;
6. Usar a tradução para esclarecer um item lingüístico recém-ensinado;

¹ “[...] using the mother tongue in a judicious and highly technical way in the EFL classroom allows the fullness of the learner’s language intelligence to be brought into play [...]”. Mario Rinvoluceri apud DUÁ, J. Dajani. Using mother tongue to become a better learner. Why and how. **MET**, vol. 11, no 2, 2002, p. 65.

7. Verificar o sentido: se os aprendizes escrevem ou falam alguma coisa na L2 que não faz sentido, eles devem tentar traduzi-la para a L1 para se dar conta de seu erro;
8. Testar: a tradução pode ser útil para testar o domínio de formas e significados;
9. Desenvolver estratégias perifrásticas: quando os alunos não sabem como dizer algo na L2, devem pensar em modos diferentes para dizer a mesma coisa na L1, que seja mais fácil a ser traduzida.²

Auerbach, por sua vez, no seu artigo *Reexamining English only in the ESL Classroom* (1993), sugere as seguintes ocasiões para se utilizar a L1: negociação do programa e da aula; organização da sala de aula; análise lingüística; apresentação das leis que governam a gramática, a fonologia, a morfologia e a ortografia; discussão de assuntos interculturais; instruções ou sugestões; explicação de erros e avaliação da compreensão.

Já Antonella Benucci (1994, p. 85-6) concentra as vantagens da utilização da tradução na possibilidade de se refletir, em um nível contrastivo/comparativo, sobre as relações internas entre as várias formas e estruturas das duas línguas envolvidas, focalizando as suas dessimetrias e os seus paralelismos. A análise contrastiva, segundo ela, poderia fornecer, pelo menos nos níveis mais adiantados, uma reflexão sobre as relações da L2 com outros idiomas e culturas, numa dimensão sincrônica e temporal. Ainda que a AC não possua a mesma relevância do passado, ela pode ser bem aproveitada dentro da perspectiva comunicativa. No âmbito da análise dos erros, a falta de uma transferência positiva, isto é, o não uso das regras da L1 similares às da L2 mereceria uma maior atenção por parte do professor.

David Atkinson (1993) aborda a questão da tradução em sala de aula e fornece exemplos práticos para os professores no seu livro *Teaching Monolingual Classes*. Segundo ele, a teoria que acha desnecessário usar mais de 1% da L1 em sala de L2 nem sempre é útil. Aprender uma língua estrangeira, sobretudo

² Adaptada de "The Mother Tongue in the Classroom" de David Atkinson. (1987).

nos primeiros estágios, pode ser difícil e frustrante, e, nesse caso, o uso de 1% da L1 contribui para aumentar essa frustração, enquanto uma utilização menos limitada da L1 pode ter efeitos positivos: “Para muitos aprendizes (particularmente para adultos e adolescentes), um uso ocasional da L1 lhes dá a oportunidade de mostrar que eles são inteligentes e sofisticados.” (ATKINSON, 1993, p. 13-4).³

Um uso equilibrado da L1 depende, segundo Atkinson, de vários fatores:

- A experiência prévia dos alunos (se estão acostumados com o uso de L1 em sala de aula ou não);
- O nível de conhecimento da língua (quanto mais adiantado for o nível, menos freqüente será o uso da L1);
- O estágio do curso (quanto mais familiar for a relação entre professor e aluno, mais fácil será a condução da aula somente na L2);
- O estágio da aula (a L1 pode não ser útil em um estágio adiantado da aula, mas sim em um estágio mais inicial).

Mas quais, afinal, os benefícios de se usar a tradução em sala de aula? Atkinson nos fornece algumas sugestões:

- A tradução força os alunos a refletirem sobre o significado das palavras dentro de um contexto, e não somente manipular formas gramaticais de modo mecânico, o que ocorre em muitos exercícios estruturais;
- O uso da tradução permite aos alunos pensarem “comparativamente”. A comparação das duas línguas os leva a ter uma consciência maior das diferenças e a evitar grande parte dos erros comuns na L1;
- As atividades com tradução podem ser usadas para encorajar os estudantes a assumirem riscos e não tentarem evitá-los. É uma forma de estimular os alunos a forçarem o seu conhecimento o máximo possível para superar as dificuldades: eles têm que se esforçar para dizer aquilo

³ “[...] For many learners (in particular adults and teenagers), occasional use of the L1 gives them the opportunity to show that they are intelligent, sophisticated people.”

em outra língua usando todas as estruturas lingüísticas, gramaticais e semânticas que já conhecem;

- A atividade de tradução, até que breve, pode contribuir para mudar o ritmo da aula;
- A tradução é uma atividade da vida real. De fato, em várias ocasiões da vida profissional ou pessoal, os alunos poderão ter que lançar mão da tradução.

Em suma, para que a tradução seja uma atividade realmente eficaz, o professor deve envolver os estudantes, propondo atividades interessantes e utilizando um material estimulante. Em seguida, relatam-se algumas propostas práticas, selecionadas por Atkinson:

- 1) Corrigir uma tradução errada:** o professor prepara textos com palavras mal traduzidas para os alunos analisarem e corrigirem. Isto pode ser feito com a tradução de expressões mais comuns, até em níveis adiantados, para analisar aspectos específicos da gramática, seus tempos e modos. Essa atividade ajuda os alunos a focalizarem mais intensamente algumas áreas críticas;
- 2) Consolidar mediante traduções:** esse tipo de exercício dá ao aluno mais confiança numa área específica de gramática, vocabulário ou uso de qualquer função da língua que tenha estudado. Para ilustrar essa estratégia, o professor pode escrever um texto na L1, cuja tradução para a L2 inclua um certo número de exemplos que testem uma área específica de dificuldade. É importante que o texto seja o mais realista possível; o objetivo desse tipo de atividade é ajudar os estudantes a se exercitarem em um aspecto específico da língua;
- 3) Comparar versões diferentes (dadas pelo professor):** esse tipo de atividade pode estimular os estudantes a considerarem o contexto, atentando ao significado social das palavras e das frases escolhidas;

- 4) Comparar versões diferentes (escritas pelos estudantes):** os textos preparados pelo professor serão traduzidos pelos alunos, em pares. Cada um traduz para a L1 um texto que, em seguida, o colega passa para a L2, comparando finalmente as versões, na L2, dos dois textos trabalhados. Essa atividade ajuda os alunos a desenvolverem as habilidades da tradução e perceberem as diferenças entre a língua nativa e a estrangeira;
- 5) Resumir uma tradução:** os alunos preparam, em casa, a tradução do trecho de um livro e cada um apresenta depois, na sala, oralmente um parágrafo, além de dar um breve resumo do que foi lido;
- 6) Interpretar em sala de aula:** o professor inventa um diálogo entre um nativo da L2 e um aluno da L1. Os estudantes têm que atuar como intérpretes, enquanto o professor grava o diálogo. Em seguida, os alunos escutam o diálogo gravado e fazem anotações. Esse tipo de atividade permite aos estudantes trabalharem como intérpretes, nas duas línguas, praticando, ao mesmo tempo, uma atividade real.

CONCLUSÃO

Neste artigo, tentou-se oferecer uma breve análise da prática da tradução em sala de aula, considerando-se os posicionamentos tanto de críticos como de adeptos de sua importância. Pretendeu-se analisar estudos recentes acerca da utilidade da tradução em sala de aula de L2, oferecendo-se exemplos práticos e justificativas a favor do seu uso. Este trabalho não pretende ser exaustivo, tendo como objetivo apenas reavaliar a adequação da tradução como estratégia útil ao ensino /aprendizagem de uma L2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ATKINSON, David. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? **ELT Journal**, vol. 41/4 October, 1987.

ATKINSON, David. **Teaching Monolingual Classes**. Essex: Longman Group UK Limited, 1993.

AUERBACH, Elsa Roberts. Reexamining English Only in the ESL Classroom. **Tesol Quarterly**, Vol. 27, No. 1, Spring 1993.

BENUCCI, Antonella. **La grammatica nell'insegnamento dell'italiano a stranieri**. Roma: Bonacci Editore, 1994.

COSTA, W. Carlos. Tradução e ensino de línguas. In BOHN H. Inácio, Vandresen, P. **Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

DAJANI, Duá Jabr. Using mother tongue to become a better learner. **MET**, vol. 11, no. 2, 2002.

DE MAURO, Tullio. **Guida all'uso delle parole**. Roma: Editori Riuniti, 1980.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

HARBORD, John. The use of the mother tongue in the classroom. **ELT Journal**, Volume 46/4 October, 1992.

RIVERS, Wilga M. And TEMPERLY, Mary S. **A practical Guide to the Teaching of English**. New York: Oxford University Press, 1978.

SCHWEERS, C. William Jr. Using L1 in the L2 Classroom. **Forum**, vol. 37, no. 2, April – June 1999.

WIDDOWSON, H. G. The deep structure of discourse and the use of translation. In **The Communication Approach to Language Teaching**. BRUMFIT, C. J. And JOHNSON, K. (eds.). Oxford: Oxford University Press, 1979.